

ABRIL

Época de contrastes

Abril costuma trazer as devastadoras chuvas de grão, que caem em áreas restritas, 'escolhidas' quase ao acaso pela natureza. Já castigada pela seca neste verão, a região Sul pode sofrer com mais essas tempestades repentinas, durante as quais homens e animais são obrigados a buscar refúgio. No Sudeste, as chuvas boas, de alimentar a agricultura, vão se tornando mais escassas, anunciando o fim da boa oferta de frutos e flores silvestres, derrubadas em dias de vento forte. Nos cerrados do Centro-Oeste, ainda há muitas cores e vida, mas a seca já dá sinais de que vai se instalar novamente. Na Amazônia, ao contrário, as águas fartas preenchem as várzeas e igapós, dando início à estação em que os peixes nadam por entre árvores, alimentando-se dos frutos que caem dos galhos.



Eudocimus ruber

Surpresa boa

Neste final de verão, no mês passado, os guarás-vermelhos (*Eudocimus ruber*) nidificaram uma segunda vez no manguezal da Ilha Comprida, próximo ao município de Iguape, no litoral de São Paulo. A 'segunda safra' trouxe à vida 53 filhotes da espécie. Também foram encontrados 23 ovos e 10 ninhos (filhotes ainda no ninho), em um local também ocupado por garças e socós, além dos guarás. Segundo a bióloga do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Danielle Paludo, "a época reprodutiva desta espécie começa em outubro e termina em março, mas este ano vai se estender até o final de maio". Agora em abril, portanto, é tempo de crescimento e dos primeiros

ensaios de voo para a ninhada extra, ainda sem explicações científicas. Talvez as condições climáticas, a oferta de alimentos e a boa conservação do manguezal - considerado "seguro" pelas aves - tenham alterado o ciclo reprodutivo. De qualquer forma, a surpresa foi muito bem-vinda. Os guarás chegaram a ser considerados extintos no sudeste brasileiro do início do século 20 até os anos 80, quando o professor Werner Bokermann, do Zoológico de São Paulo, encontrou uma colônia ativa nos manguezais, entre Santos e Cubatão. Na Ilha Comprida, eles foram avistados a partir de 2002, sendo que alguns haviam migrado daquelas duas cidades, conforme os dados anotados em suas anilhas.



DA LITTEA

Victoria amazonica

Rainha em flor

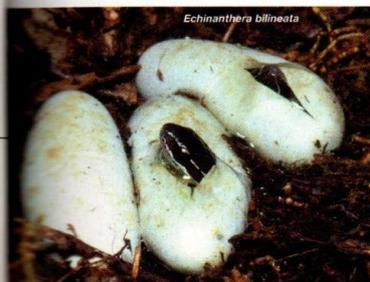
A maior flor aquática das Américas, a vitória-régia (*Victoria amazonica*) abre suas pétalas cor-de-rosa sobre as imensas e legendárias folhas verdes. O diâmetro das folhas maiores chega a 1,8 metro e das flores até 30 cm! Uma única planta pode ocupar até 15 metros quadrados na superfície de lagos e meandros calmos de rios. Algumas espécies de aves, como o cafezinho (*Jacana jacana*) utilizam tais folhas como base para seus ninhos. O período de florescimento é longo, perdurando até dezembro. Um besouro do gênero *Cyclocephala* é seu polinizador e a planta o aprisiona para ga-

rantir a eficiência do 'serviço': a flor nova é branca, abre ao pôr-do-sol e exala um odor de melão, atraindo o besouro. Ele entra e a flor fecha durante toda noite, mantendo seu refém repleto de pólen. No dia seguinte a flor já abre rosada, madura, e os besouros são liberados. As sementes produzidas são grandes como ervilhas e servem de alimento para juritis (*Leptotilla verreauxi*) e pequenos roedores. Algumas etnias indígenas também as incluem no cardápio, estouradas feito pipoca. As vitórias-régias ocorrem na Amazônia e no Pantanal, incluindo a parte além da fronteira com o Paraguai.

Olha a cobra

Nos remanescentes de Mata Atlântica, não são apenas as aves tardias que deixam os ninhos nesta época do ano. Também nascem os filhotes de diversas cobras não venenosas, que vivem entre os galhos das árvores ou muito bem camufladas entre as folhas do chão, graças à sua colo-

ração verde ou marrom-esverdeado. Entre elas estão as cobras-cipó, cobras-de-jardim, cobras-verdes e outros colubrídeos, que constituem um grupo muito mais numeroso do que as serpentes peçonhentas, ainda que menos conhecido. Elas põem ovos no chão e estes são incubados à temperatura ambiente. E os filhotes já saem prontos para enfrentar a vida sozinhos.



Echivanthera bilineata

HOW SCHOIMA

Abriu a pesca!

Abril é mês de pescador! Está aberta a temporada de pesca na maioria das bacias hidrográficas, com o fim do período de defeso nos meses de fevereiro e março. Exceção apenas para os rios e bacias acima da linha do Equador, que seguem outro regime de águas. No Hemisfério Norte, o período é de chuva, os rios sobem e as condições se tornam adequadas para a desova dos peixes de piracema. Lá, o mês é do peixe.

Mas se aqui o tempo é de pescaria, nos rios é tempo de dourado. É a oportunidade que os pequenos peixes têm, de sair das lagoas marginais antes que elas percam a ligação com o rio. O fenômeno do abandono dos peixes em cardumes das lagoas no Pantanal é conhecido como lufada. Pois bem, o rei do rio e outros predadores, incluindo as aves, esperam os cardumes na boca dos canais, paranás e corixos para o banquete. São os pontos perfeitos para os pescadores lançarem suas iscas atrás de grandes dourados da bacia do Prata, São Francisco e afluentes. O tempo é bom também para fisgar a tabarana e jatuarana, para praticar a tradicional pescaria do lambari, ou procurar o esportivo black-bass nas lagoas de represas do sul e sudeste brasileiros. Só é bom atentar para um detalhe: o regime de chuvas foi irregular neste verão, por isso é obrigatório conferir a condição do rio antes de arrumar a tralha.

Quem ainda prefere pegar a direção do litoral tem boas opções, mesmo com o final da temporada dos peixes oceânicos. O melhor período para se encontrar os cardumes de peixe espada é de janeiro a abril. Portanto, essa é a última oportunidade desse ano para aqueles que não trocam esta pescaria por nada.

LIANA JOHN E MARAÍSA RIBEIRO



Salminus maxillosus

RICARDO RODRIGUES